



PRESSUPOSIÇÃO EM CLIVADAS INTERROGATIVAS BÁSICAS

RERISSON CAVALCANTE*

RESUMO

Há duas hipóteses na literatura linguística sobre o tipo de pressuposição expressa em sentenças clivadas, se apenas pressuposição de existência ou pressuposição de unicidade/exaustividade (cf. BÜRING; KRIŽ, 2013; POLLARD; YASAVUL, 2016; MENUZZI, 2018), mas os trabalhos sobre o tema focam nas clivadas do tipo declarativo. Neste *squib*, mostro que o português brasileiro (PB) possui clivadas básicas interrogativas, tanto interrogativas polares quanto interrogativas QU (que não devem ser confundidas com as interrogativas QU *que* e QU *é que*) (cf. CAVALCANTE, 2019), e levanto a questão sobre o que tais dados podem dizer sobre o tipo de pressuposição nas construções de clivagem. Mostro que essas interrogativas trazem evidências contraditórias quanto à pressuposição. As clivadas polares, diferentemente das polares não clivadas, têm pressuposição existencial e também parecem ter interpretação de exaustividade, mas aceitam o teste de acréscimo do advérbio *somente* (cf. MENUZZI, 2018), o que seria incompatível com a pressuposição de exaustividade. Já as perguntas QU clivadas não diferem das perguntas QU não clivadas: ambas têm pressuposição existencial e interpretação exaustiva. Tais dados trazem dificuldade adicional para as análises quanto ao tipo de pressuposição expressa em sentenças clivadas.

Palavras-chave: clivagem, pressuposição semântica, interrogativas, português brasileiro

ABSTRACT

There are two hypotheses in linguistic literature on the type of presupposition expressed in cleft sentences, whether (only) an existential presupposition or an exhaustiveness presupposition (see BÜRING; KRIŽ 2013; POLLARD; YASAVUL, 2016; MENUZZI, 2018), but works on this topic focus only on declarative clefts. In this *squib*, I show that Brazilian Portuguese (BP) has interrogative clefts: i.e. polar clefts and WH clefts (which should not be confused with the more common WH *que...* or WH *é que* interrogatives, which often are named “cleft interrogatives”, but display a different structure) (see CAVALCANTE, 2019). I raise the question of what such data can tell about the type of presupposition encoded in cleft constructions. I show that BP “real” interrogative clefts provide contradictory evidence regarding the presupposition type. Cleft polar questions, unlike non-cleft polar questions, have an existential presupposition and apparently also display an exhaustive interpretation, but accept Menuzzi (2018)’s test of adding the adverb *somente* (‘only’), which is incompatible with the exhaustiveness presupposition. Cleft WH questions, on the other hand, surprisingly do not differ from non-cleft WH questions: both have an existential presupposition and an exhaustive interpretation. Such data bring additional difficulty to any account on the type of presupposition expressed in cleft sentences.

Keywords: cleft sentences, semantic presupposition, interrogative sentences, Brazilian Portuguese

* Universidade Federal da Bahia, UFBA. E-mail: rerissoncavalcante@gmail.com. Parte deste trabalho foi apresentada no *Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática* em junho de 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1 INTRODUÇÃO

O presente *squib* se insere no debate existente na literatura linguística sobre o tipo de pressuposição codificado nas sentenças clivadas. Como veremos, alguns autores assumem que as clivadas possuem uma pressuposição de exaustividade (ou unicidade) do predicado, enquanto outros autores defendem que, na verdade, essas estruturas manifestam uma pressuposição mais fraca, apenas do tipo existencial.

A discussão sobre esse ponto tem focado as clivadas do tipo declarativo, principalmente porque muitas línguas possuem apenas esse tipo de clivada (básica). Neste trabalho, trago evidências sobre o comportamento de clivadas do tipo interrogativo no português brasileiro (PB), mais especificamente, de dois subtipos de clivadas interrogativas básicas, em que o constituinte clivado permanece ensanduichado entre a cópula e o complementizador: as do clivadas QU e as clivadas polares, como em (1).

- (1) a. Foi **quem** que pagou a conta? (clivada interrogativa QU)
 b. Foi **Pedro** que pagou a conta? (clivada interrogativa polar)

Na condição de um *squib*, este trabalho tem um objetivo modesto: mostrar que essas clivadas interrogativas trazem evidências contraditórias quanto ao tipo de pressuposição que expressam, o que constitui um problema adicional para a discussão do fenômeno da pressuposição nas estruturas de clivagem.

O texto está dividido da seguinte forma. Na seção 2, apresento um breve resumo das hipóteses sobre o tipo de pressuposição presente nas sentenças clivadas; na seção 3, apresento as clivadas não declarativas do PB, com foco nas clivadas interrogativas básicas, que, ao contrário das invertidas e das sem cópula, não têm recebido muita atenção na literatura linguística; na seção 4, descrevo o comportamento dessas interrogativas clivadas quanto à pressuposição expressa; na seção 5, encerro o trabalho com as questões que esses dados levantam.

2 A PRESSUPOSIÇÃO NAS SENTENÇAS CLIVADAS

Uma clivada é uma sentença cindida por meio de uma cópula e um complementizador, numa estrutura $COP\ XP\ COMPL\ oração\ encaixada$ (cf. (2b-d)). Entre a cópula e o complementizador, ocorre necessariamente um elemento deslocado, que pode ser o seu sujeito (cf. (2b)), algum dos complementos ou adjuntos (cf. (2c)-(2d)).

- (2) a. Natália viajou pra Itália em janeiro. (sentença não clivada)
 b. **Foi Natália que** viajou pra Itália em janeiro. (clivada)
 c. **Foi pra Itália que** Natália viajou em janeiro. (clivada)
 d. **Foi em janeiro que** Natália viajou pra Itália. (clivada)

A literatura sobre a clivagem reconhece que, além da sintaxe peculiar, tais sentenças também apresentam peculiaridades semânticas. Modesto (2001, p. 21), por exemplo, argumenta que a clivagem “dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade”. Outros autores também relacionam a função da clivagem ao estabelecimento de uma interpretação de exaustividade (cf. GUESSER; QUAREZEMIN, 2013; SILVEIRA, 2020; dentre outros), compreendida como “[...] uma inferência pela qual uma única entidade (ou um único grupo de entidades) satisfaz a predicação expressa pela clivada” (TEIXEIRA; MENUZZI, 2015, p. 59). Ou seja, sentenças como (3) a seguir não expressariam apenas que Sue convidou Fred, mas também que não há nenhuma outra pessoa que tenha sido convidada por Sue.

- (3) a. It was **Fred** (that) Sue invited.
b. Foi **Fred** que Sue convidou.

Com base nesse efeito, Büring e Križ (2013) defendem que as clivadas não codificam essa unicidade ou exaustividade do predicado como parte do conteúdo asseverado, mas sim por meio de uma *pressuposição semântica*. Isso pode ser verificado pelo contraste em (4) entre a clivada e uma sentença não clivada com o advérbio *only* ('só', 'somente'), em que a unicidade/exaustividade é parte do conteúdo asseverado.¹

- (4) a. #Bob knew she invited Fred, but he didn't know it was Fred she invited.
'Bob sabia que ela convidou Fred, mas ele não sabia que foi Fred que ela convidou.'
b. Bob knew she invited Fred, but he didn't know she only invited Fred.
'Bob sabia que ela convidou Fred, mas ele não sabia que ela só convidou Fred.'

(BÜRING; KRIŽ, 2013, p. 2; tradução minha)

Por outro lado, Pollard e Yasavul (2016) discordam dessa análise e defendem que as clivadas não expressam a exaustividade do seu predicado como uma pressuposição semântica. A primeira sentença de (5B), a seguir, apresenta um valor contrastivo, mas não exaustivo, na contramão do que é esperado.

- (5) A: Did you hear, Bob got an NSF grant!
(‘Você soube? Bob conseguiu uma bolsa NSF!’)

B: Well, actually, it was Rob. And Mike got one, too!
(‘Bem, na verdade, foi Rob. E Mike conseguiu uma também!’)

(POLLARD; YASAVUL, 2016, p. 382; tradução minha)

¹ Horn (1969) analisa advérbios como *only* ('somente') como predicados de dois lugares, que tomam o termo focalizado como primeiro argumento e uma proposição como segundo argumento. A semântica de *only* estabelece a proposição como seu pressuposto e como conteúdo asseverado que não existe nenhum outro *x*, diferente do elemento focalizado, tal que *x* possua a propriedade expressa pela proposição. Ou seja, para uma sentença como *Somente Maria ama João*, o *somente* estabelece como pressuposto que 'Maria ama João' e como asseveração que 'Não existe nenhuma outra pessoa além de Maria que ame João'.

Diante disso, Pollard e Yasavul (2016) propõem como alternativa a ideia de que a função da clivagem é “*to (further) specify an antecedent discourse referent (DR) that the speaker considers to be insufficiently specified*”.² A interpretação de exaustividade das clivadas ocorreria apenas em contextos de respostas a perguntas QU, como mostra o contraste em (6) entre uma resposta não clivada e uma clivada.

- (6) Who went to CLS?
'Quem foi ao CLS?'
- a. Greg and Dan. I don't know if anyone else did. / Scott did, too.
'Greg e Dan. Eu não sei se mais alguém foi. / Scott foi também'
- b. It was Greg and Dan. #I don't know if anyone else did. / #Scott did, too.
'Foi/foram Greg e Dan. #Eu não sei se mais alguém foi / Scott foi também.'

Segundo Pollard e Yasavul (2016), a leitura de exaustividade neste contexto ocorreria porque a função da clivada de especificar um antecedente não inteiramente especificado resultaria na clivada identificar que o constituinte plural é o antecedente. A pressuposição codificada pelas clivadas poderia ser vista, então, como uma pressuposição de existência, não de unicidade/exaustividade (cf. também HORN, 1981). Ou seja, leituras de exaustividade seriam, portanto, efeitos pragmáticos, não semânticos da clivagem.

Menuzzi (2017) investiga a hipótese de Pollard e Yasavul (2016) em dados do PB, utilizando o item *só/somente* como teste para verificar se as clivadas pressupõem exaustividade ou apenas existência do predicado. Uma vez que o advérbio *somente* expressa exclusão de alternativas³, o autor aponta que, se as clivadas codificam exaustividade como uma pressuposição, elas não deveriam aceitar esse advérbio. Contudo, os dados em (7) mostram que, ao contrário do previsto, a clivagem é compatível com o item *somente*.

- (7) a. [...] Foi (somente) o seu gesto de grandeza que lhe rendeu um lugar numa história com tantos personagens mais importantes que ele.
b. [...] Mas foi (somente) a enorme pressão popular que nos levou agora ajudar as vítimas do tsunami.

(MENUZZI, 2018, p. 209 e 211)

Com base neste teste, Menuzzi (2018) conclui, então, que as clivadas do PB não codificam necessariamente pressuposição de unicidade/exaustividade do predicado, mas apenas pressuposição de existência, corroborando a posição de Pollard e Yasavul (2016).

2 Tradução livre: “... para especificar (adicionalmente) um referente de discurso antecedente que o falante considera ser insuficientemente especificado”.

3 Confira nota de rodapé 1.

Como se pode ver, a discussão sobre o tipo de pressuposição expressa na clivagem foca apenas nas clivadas declarativas. Isso é compreensível para o inglês, uma vez que esta língua não possui clivadas (básicas) não declarativas. Mas o PB possui clivadas tanto imperativas quanto interrogativas. No restante do texto, discuto o que os dados das clivadas interrogativas básicas podem dizer sobre esse fenômeno. Para tanto, na próxima seção, faço uma apresentação dos dados de clivadas básicas interrogativas de dois subtipos. Isso é necessário, pois, na maior parte da literatura sobre o português, o termo “interrogativas clivadas” se refere a sentenças que não têm a mesma estrutura da clivagem básica.

3 AS CLIVADAS INTERROGATIVAS DO PB

Há três tipos de clivadas declarativas no PB (cf. BRAGA; KATO; MIOTO, 2009): (i) as **clivadas básicas**, com o padrão *É X que...* (cf. (8a-b)); (ii) as **clivadas invertidas**, em que o constituinte clivado é movido para antes da cópula, gerando a ordem *X é que...* (cf. (8c-d)); (iii) e as **clivadas sem cópula**, caracterizadas pela ausência do verbo *ser* (cf. (8e-f)).

- (8) Clivadas declarativas
- | | | |
|----|--|----------------------|
| a. | Foi [João] que roubou o banco. | (clivada básica) |
| b. | Foi [ontem] que eu falei com Maria. | (clivada básica) |
| c. | [João] é/foi que roubou o banco. | (clivada invertida) |
| d. | [Ontem] é/foi que eu falei com Maria. | (clivada invertida) |
| e. | [João] que roubou o banco. | (clivada sem cópula) |
| f. | [Ontem] que eu falei com Maria. | (clivada sem cópula) |

Mas a clivagem também é possível em sentenças não declarativas. Cavalcante e Simioni (2015), por exemplo, citam brevemente a existência de imperativas clivadas no PB, mais especificamente, do tipo sem cópula, como em (9).⁴ As clivadas básicas e as invertidas, por outro lado, não parecem ser possíveis no contexto imperativo. Por causa disso, este *squib* não irá tratar das clivadas imperativas.

- (9) A: Abra a porta!
B: Eu não... VOCÊ que abra/*abre a porta!

(CAVALCANTE; SIMIONI, 2015, p. 307)

Ao contrário das clivadas imperativas, as clivadas interrogativas são bastante estudadas em português (cf. LOPES ROSSI, 1996; MIOTO, 2001; MIOTO; KATO, 2005; dentre outros), porém, o que tais estudos costumam chamar de “perguntas clivadas” são sentenças como em (10),

⁴ Os autores apontam que a clivada sem cópula é possível em ordens como réplica contrastiva a outro imperativo, como em (9), em que ocorre simultaneamente a rejeição da ordem prévia e a devolução da ordem para o interlocutor original. Curiosamente, nesse caso, o verbo deve ficar na forma subjuntiva. A forma indicativa prejudica a interpretação imperativa e favorece uma interpretação declarativa.

que não correspondem a versões interrogativas das clivadas básicas. Elas correspondem, respectivamente, a versões interrogativas da clivada *sem cópula* (cf. (10a)) e da clivada *invertida*, com o elemento QU movido para antes da cópula (cf. (10b)).

- (10) “Interrogativas clivadas” tratadas na literatura
- a. **Quem** que pagou a conta? (pergunta clivada sem cópula)
 - b. **Quem** é/foi que pagou a conta? (pergunta clivada invertida)

Sentenças interrogativas com a estrutura equivalente às clivadas básicas não têm ocupado muito a atenção das descrições do PB, com Cavalcante (2019) sendo talvez o único trabalho dedicado especificamente a elas. Conforme Cavalcante (2019), tais clivadas são possíveis em dois subtipos interrogativos: em perguntas do tipo QU e em perguntas polares (cf. (11)-(12)).

- (11) Interrogativas clivadas básicas QU
- a. Foi **quem** que pagou a conta?
 - b. Foi **o que** que você comprou?
- (12) Interrogativas clivadas básicas polares
- a. Foi **Pedro** que pagou a conta?
 - b. Foi **um livro** que você comprou?

Trabalhos anteriores sobre clivagem e interrogativas não fazem qualquer referência a tais construções, ou as consideram como marginais ou, ainda, apenas as citam de passagem, sem discutir suas propriedades (cf. CAVALCANTE, 2019 para discussão). A título de ilustração, Lopes Rossi (1996) não cita as perguntas clivadas básicas, apesar de comparar as *perguntas clivadas invertidas* com as *clivadas declarativas básicas*. Sell (1998) cita exemplos de perguntas QU clivadas básicas, mas não trata delas no restante do trabalho. Já em Sell (2003), não há qualquer referência a tais estruturas. Kato e Ribeiro (2009) apenas citam de passagem as perguntas QU clivadas básicas no PB como “encontradas facilmente na linguagem infantil”. Quanto ao PE, Ambar (2005) cita a existência de perguntas QU clivadas básicas, que ela chama de “clivadas com o WH *in situ*”, mas não trata de tal estrutura ao longo do trabalho. Mito (2001) cita um dado de pergunta QU clivada básica como marginal ou “deteriorada” em relação às clivadas básicas declarativas. Não localizei trabalhos que citassem as perguntas *polares* clivadas básicas.

Em Cavalcante (2019), há uma descrição mais detalhada — embora preliminar — do comportamento sintático e pragmático desses dois subtipos de interrogativas clivadas básicas. Já no presente *squib*, o que nos interessa é a seguinte pergunta: dada a existência de versões interrogativas das sentenças clivadas básicas, o que tais sentenças podem nos dizer sobre as propriedades da pressuposição codificada na clivagem? Na próxima seção, apresento os resultados quanto a esse assunto.

4 A PRESSUPOSIÇÃO NAS CLIVADAS INTERROGATIVAS DO SUBTIPO QU E POLAR

Nesta subseção, discuto o que os dados de interrogativas clivadas apontam sobre a pressuposição expressa pelo fenômeno da clivagem.

Quanto às clivadas polares, a comparação com as perguntas polares **não clivadas**, em (13), sugere que a clivagem acrescenta, pelo menos, uma pressuposição de existência do predicado, como já é esperado. Ou seja, (13b), mas não (13a), pressupõe que *alguém tirou 10 na prova*.

- (13) a. Pedro tirou 10 na prova? (polar simples)
 b. **Foi Pedro que** tirou 10 na prova? (polar clivada)

Em Cavalcante (2019), aponto que as interrogativas clivadas do *corpus* analisado não indagam sobre uma informação inteiramente nova, mas sobre algo parcialmente conhecido no discurso prévio, como em (14).

- (14) a. A foto do meu filho morto circulando cheio de sangue, *foi quem que tirou?* A médica?
 b. Ministério Público: Em dinheiro então só para ficar bem claro, *foi quanto que o senhor pagou?*
 c. Quando eu pedi para senhora ficar com a menina dois meses para ir visitar os parentes do Scott, *foi quem que interpretou mal?*

(CAVALCANTE, 2019, p. 3535)

Esse fato é compatível com a proposta de Pollard e Yasavul (2016) de que a função da clivagem é especificar a identidade de um referente discursivo não satisfatoriamente identificado. As perguntas em (14) são formas de explicitação de informações inferíveis pelo contexto discursivo, mas não inteiramente estabelecidas.

Ainda é preciso confirmar se a pressuposição em (13b) é *apenas existencial* ou se há também um pressuposto de exaustividade. (13a) e (13b) parecem diferir também no aspecto de que uma resposta positiva à primeira sentença não sugere que Pedro tenha sido a única pessoa a tirar dez, enquanto uma resposta positiva a (13b) parece indicar (ou, antes, confirmar a expectativa do autor da pergunta) que Pedro foi a única pessoa a obter essa nota.

Essa interpretação não é compatível com a posição de Pollard e Yasavul (2016) de que a leitura de exaustividade viria apenas de contextos em que a clivada é usada como resposta a perguntas QU, pois aqui a leitura estaria presente em um contexto interrogativo (não declarativo responsivo) e não relacionado a um QU.

Aplicando, porém, o teste de Menuzzi (2018), os dados mostram que as clivadas polares aceitam o advérbio *somente*, como se pode ver em (15). Se esse teste for realmente válido,

isso sugere que as clivadas polares expressam apenas uma pressuposição existencial, confirmando a posição de Pollard e Yasavul (2016) e de Menuzzi (2018).

- (15) a. Foi **só/somente** Pedro que tirou 10 na prova?
 b. **Só/somente** foi Pedro que tirou 10 na prova?
 c. Foi **só/somente** Paulo que pagou a inscrição?
 d. **Só/somente** foi Paulo que pagou a inscrição?

Além disso, os exemplos em (16) e (17)⁵ mostram que essa leitura exaustiva nas clivadas polares pode ser cancelada facilmente, o que sugere que a exaustividade não é uma pressuposição das clivadas polares, algo de acordo com a proposta de Pollard e Yasavul (2016).

- (16) A: Foi Pedro que tirou 10 na prova?
 B: Foi. E Maria também tirou.

- (17) A: Foi Pedro que pagou a inscrição?
 B: Foi. E o irmão dele também.

No entanto, a situação é diferente no caso das perguntas QU. Diferentemente das perguntas polares, as interrogativas QU já expressam uma pressuposição existencial mesmo na sua versão não clivada, como mostram as sentenças em (18).

- (18) a. Quem tirou dez na prova? (Pressuposto: alguém tirou dez na prova)
 b. Quem pagou a conta? (Pressuposto: alguém pagou a conta)
 c. O que Maria comprou? (Pressuposto: Maria comprou algo)

Diante desse fato, não se pode assumir que a clivagem adicione uma pressuposição existencial, pois esta já está presente, como mostram os dados em (19).

- (19) a. Foi quem que tirou dez na prova? (Pressuposto: alguém tirou dez na prova)
 b. Foi quem que pagou a conta? (Pressuposto: alguém pagou a conta)
 c. Foi o que que Maria comprou? (Pressuposto: Maria comprou algo)

A contribuição semântica da clivagem seria nula? Poderia ser o caso, por hipótese, de ela acrescentar à pergunta QU uma pressuposição de exaustividade. Não é, entretanto, o que se vê nos dados.

Quanto à resposta esperada, parece que as perguntas em (19) criam expectativa de que as respostas sejam completas. Responder a (19a), por exemplo, apenas com *Pedro (tirou dez na prova)* não é apropriado em uma situação em que o interlocutor saiba que Maria e Tiago também tiraram a nota máxima.⁶ Isso é um efeito de exaustividade, porém tal efeito

⁵ Os dados apresentados como aceitáveis foram assim julgados por outros falantes do PB na fase de escrita do trabalho Cavalcante (2019) e em apresentações no GT de Teoria da Gramática.

⁶ Notem que esse efeito não é o mesmo descrito por Pollard e Yasavul (2016) quanto a respostas clivadas a

não está presente apenas para as perguntas QU *clivadas* em (19). As perguntas QU *não clivadas* também possuem a mesma expectativa de exaustividade da resposta. Ou seja, a exaustividade não está associada especificamente à clivagem, mas ao tipo de pergunta.

A aplicação do teste de *só/somente* nesse tipo de dado é problemática. Sentenças como (20) são claramente ruins, o que favorece a interpretação de que perguntas clivadas QU são, sim, inerentemente exaustivas, no entanto, essa inaceitabilidade pode ter uma motivação independente, fruto do fato de que elementos QU tendem a resistir à modificação.

- (20) a. #Foi **só/somente** quem que tirou dez na prova?
b. #**Só/somente** foi quem que tirou dez na prova?
c. #Foi **só/somente** quem que pagou a conta?
d. #**Só/somente** Foi quem que pagou a conta?
e. #Foi **só/somente** o que que Maria comprou?
f. #**Só/somente** foi o que que Maria comprou?

Em outras palavras, perguntas clivadas polares parecem expressar apenas pressuposição existencial, não de exaustividade. Perguntas clivadas QU possuem interpretação de exaustividade, mas não é claro que isto seja fruto de uma contribuição semântica específica da clivagem e não uma questão geral das perguntas QU.

5 EM RESUMO

Os dados apresentados neste *squib* trazem problemas adicionais para a caracterização das propriedades semânticas das sentenças clivadas, especificamente quanto ao tipo de pressuposição que expressam. Por um lado, nas interrogativas clivadas polares, o falante parece ter a expectativa de exaustividade do predicado, mas a aplicação do teste de acréscimo do advérbio *somente* sugere que, ao contrário, tais sentenças não possuem uma pressuposição de exaustividade, mas sim de existência. A exaustividade, então, teria que ser vista como efeito pragmático, não como propriedade semântica da construção.

Por outro lado, não parece haver diferenças semânticas, quanto à pressuposição, entre as interrogativas QU clivadas e as interrogativas QU não clivadas. Ambas possuem um efeito de pressuposição existencial e uma expectativa de exaustividade da resposta. Dessa forma, assumir que a contribuição semântica da clivagem é trazer apenas uma pressuposição existencial (hipótese que nos parece mais plausível), como defendem Pollard e Yasavul (2016), deixa em aberto a questão sobre qual é a contribuição da clivagem em perguntas QU, que seria nula nesse quesito.

perguntas QU, pois aqui a interpretação ocorre mesmo com respostas não clivadas.

Entretanto, a proposta alternativa de que a clivagem codifica pressuposição de exaustividade também não dá conta satisfatoriamente da questão, uma vez que as perguntas QU não clivadas também já parecem manifestar esse tipo de pressuposição, o que também deveria bloquear a operação de clivagem nesse contexto.

É possível imaginar que a proposta de Pollard e Yasavul (2016) valha apenas para as clivadas declarativas, simplesmente não se aplicando às interrogativas. Mas esse pode ser apenas o começo da resposta. Ainda é preciso definir qual seria o motivo para esse comportamento distinto de clivadas declarativas e não declarativas, bem como esboçar uma análise específica para o que ocorre nas clivadas básicas interrogativas.

Como dito anteriormente, o propósito deste texto, sendo *squib*, era apresentar tais dados e os problemas adicionais que eles trazem para a discussão da semântica das clivadas.

REFERÊNCIAS

AMBAR, Manuela. Clefts and tense asymmetries. In: DI SCIULLO, Anna Maria (ed.). *UG and External Systems: Language, Brain and Computation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 95-128.

BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary; MIOTO, Carlos. As construções Q no português brasileiro falado. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. do (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença*. Campinas: Unicamp, 2009. p. 237-289.

BÜRING, Daniel; KRIZ, Manuel. It's That, and That's It! Exhaustivity and homogeneity presuppositions in clefts (and definites). *Semantics & Pragmatics*, v. 6, p. 1-29, 2013.

CAVALCANTE, Rerisson. Sobre as interrogativas clivadas (básicas) QU e polares. *Fórum Linguístico*, v. 16, p. 3530-3544, 2019.

CAVALCANTE, Rerisson; SIMIONI, Leonor. A ordem VS em sentenças imperativas do português brasileiro. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 304-315, jul./dez. 2015.

GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 1, 2013, p. 188-208, 2013.

HORN, Laurence. Exhaustiveness and the semantics of clefts. *Proceedings of NELS*, v. 11, p. 125-142, 1981.

HORN, Laurene. A presuppositional analysis of only and even. *Proceedings of the Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society*. University of Chicago, 1969, p. 97-108.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel (ed.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 123-154.

LOPES ROSSI, Maria Aparecida G. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português*. 1996. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MENUZZI, Sérgio. Sobre a pressuposição das clivadas. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 46, p. 200-221, 2018.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista de Letras (Curitiba)*, v. 56, 2001, p. 97-139.

MIOTO, Carlos; KATO, Mary. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da ABRALIN*, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196, dez. 2005.

MODESTO, Marcelo. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.

POLLARD, Carl; YASAVUL, Murat. Anaphoric clefts: the myth of exhaustivity. *Proceedings of CLS 2014*, Chicago, 2016.

SELL, Fabíola. *As interrogativas do português brasileiro: perguntas e respostas*. 2003. 239 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

SELL, Fabíola. *Estudo das interrogativas do português brasileiro em teoria gerativa*. 1989. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

SILVEIRA, D. M. *Foco e Cartografia: aspectos formais das estruturas clivadas do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, 2020.

TEIXEIRA, Mariana; MENUZZI, Sergio. Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo descritivo de casos. *Alfa*, São José Rio Preto, v. 59, n. 1, p. 59-87, 2015.

Squib recebido em 24 de agosto de 2020.

Squib aceito em 15 de agosto de 2021.